



## ESCRITA E FALA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DAS PRODUÇÕES ESCRITAS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nadieli Mara Hullen<sup>1</sup>

Adriana Alexandra Ferreira<sup>2</sup>

Sanimar Busse<sup>3</sup>

**RESUMO:**<sup>1</sup> Este trabalho tem o objetivo de apresentar resultados e discussões preliminares da atividade de pesquisa sobre processos e fenômenos fonológicos em produções escritas de alunos do Ensino Fundamental, coletadas no Programa “Formação continuada para professores da educação básica nos anos iniciais: ações voltadas para a alfabetização em municípios com baixo IDEB da região Oeste do Paraná”/CAPES/UNIOESTE. Tomando os estudos da fonologia, da variação linguística e da aquisição da língua escrita como roteiro teórico, foram identificados e analisados os fenômenos da fala registrados nos textos dos alunos do 4º e 5º Ano. Além dos processos de aquisição da língua escrita, a heterogeneidade linguística da comunidade atua sobremaneira sobre as hipóteses que os alunos constroem na aprendizagem da escrita. A confluência e convivência de diferentes culturas, línguas e falares na comunidade não se neutralizam no espaço da sala de aula, pois o aluno utiliza a fala como parâmetro mais concreto para a escrita e a sistematização e domínio do código. Para este trabalho foram selecionados 20 textos, que, após sua digitalização, foram estudados para identificação dos fenômenos. Dentre os fenômenos destacam-se a monotongação, a ditongação e a vocalização da lateral. A partir dos dados, pretende-se desenvolver algumas reflexões sobre o papel da escola em contextos multilíngues e sobre a necessidade de uma metodologia de ensino que contemple os fenômenos de variação e mudança linguística como conteúdos que reafirmam a identidade do falante.

**PALAVRAS-CHAVE:** ensino; variação linguística; apropriação da escrita.

**ABSTRACT:** This work aims to present results and preliminary discussions from the research activity about phonologic processes in writing activities made by Elementary School students,

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras Português/Italiano e Respectivas Literaturas da Unioeste, bolsista do PIBID (Programa Institucional de Iniciação à Docência) /CAPES - nadielimara@hotmail.com.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras Português/Espanhol e Respectivas Literaturas da Unioeste, bolsista do PIBID (Programa Institucional de Iniciação à Docência) /CAPES - drika\_endrio@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professora doutora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, e do PROFLETRAS, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - *Campus* de Cascavel. E-mail: sbusse@uol.com.br.



collected on the Project “Continued education for teachers of the first years of the basic education: actions aiming the literacy on municipalities with low IDEB on the western region of Paraná”/CAPES/UNIOESTE. Guided by the theories of Phonology, Linguistic Variation and Acquisition of the written language, the processes of speaking of students from de 4th and 5th grade were identified and analyzed. Besides the acquisition of the written language, the linguistic heterogeneity of the community also contributes to the hypothesis the students make on the writing language learning. The confluence and interaction of different cultures and languages of the community are not neutral on the classroom space, since the student uses them as a concrete parameter for the writing and the systematization and domain of the code. For this work 20 texts were chosen, which could be analysed after their scan for the identification of the phenomena. Among the phenomena stand out the monophthongization, diphthongation and the vocalization of the lateral. From these data, the reseach aims to develop reflections about the role of the school in multilingual contexts and the necessity of a teaching methodology that holds the processes of linguistic change and variation as subjects that reaffirm the speaker’s identity.

**KEY-WORDS:** education, linguistic variation, writing skills appropriation.

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Dentre os desafios que se colocam, hoje, à escola, o domínio do código escrito e a compreensão da sua estrutura se colocam como um problema aos professores independentemente do nível de ensino. Parte-se da perspectiva de que os alunos nas séries finais do Ensino Fundamental dominem o código escrito, restando apenas alguns conteúdos ortográficos a serem fixados. Porém, a prática de texto tem revelado que alguns problemas relacionados à fala e escrita que permanecem até o Ensino Médio. Neste trabalho, pretende-se apresentar os resultados preliminares de um estudo realizado em produções escritas de alunos do 4º e 5º do Ensino Fundamental.

O ensino da escrita deve tomar a diversidade linguística como ponto de partida para o desenvolvimento do conhecimento sobre o funcionamento da língua. O trabalho com a variação na escola tem o objetivo, portanto, de levar o aluno a compreender a língua como produto das relações e interações entre falantes, e as variantes como processos distintos do fenômeno da mudança linguística.

Neste texto apresentamos uma discussão preliminar do trabalho com a linguagem escrita em contextos multilíngues e multidialetais a partir da análise dos fenômenos registrados em produções escritas realizadas por alunos de municípios participantes do Programa Observatório da Educação (Formação continuada para professores da Educação Básica nos anos iniciais: ações



voltadas para a alfabetização em municípios com baixo IDEB da região Oeste do Paraná)/CAPES/UNIOESTE. Aprovado e financiado pela CAPES/INEP, conforme o Edital 038/2010, do Observatório Educacional, o projeto está vinculado ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras Nível de Mestrado e Doutorado, com área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. A metodologia do projeto compreende a aplicação de avaliações de Língua, Matemática e Iniciação às Ciências e a realização de produções escritas em turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, para criação de um banco de dados, e para subsidiar o trabalho de formação continuada dos municípios.

A região Oeste do Paraná é descrita por pesquisadores como Aguilera (1994), Danke (1997), Von Borstel (1999), Pereira (1999) e Busse (2010), pelo seu polimorfismo linguístico. A localização na fronteira com o Paraguai e a Argentina, os processos de povoamento que registram a presença de grupos oriundos de diferentes regiões do Brasil, falantes de dialetos do alemão, italiano, português brasileiro, do castelhano, além do guarani, levaram as localidades a apresentarem uma realidade multicultural e multilinguística que não pode ser ignorada ou relegada ao segundo plano no ensino.

Bortoni-Ricardo (2010) argumenta a favor da inclusão de regras variáveis fonológicas, inclusive das que interseccionam com a morfossintaxe, como elementos de conscientização linguística. A autora observa a grande incidência de analfabetismo funcional no Brasil e percebe as marcas de oralidade tanto como regras sociolinguísticas de variação quanto advindas do grupo social do alfabetizando.

Carvalho (2005) destaca a importância de o aluno perceber a sonoridade das palavras, formadas por letras e fonemas, para compreender e dominar a relação, a organização e a função dos sons/fonemas na língua. Conforme Clark (1999), “é fundamental que a criança saiba fazer a associação entre som e letra, para poder distingui-las umas das outras”. Porém, a autora defende a premissa de que sempre as palavras utilizadas na aprendizagem da criança devem ser contextualizadas, fazerem sentido para ela, sempre baseadas na leitura de algo e não tomadas como palavras soltas, isoladas de contextos.

Conforme destaca Bortoni-Ricardo (2010), “o reconhecimento das palavras desempenha papel central no desenvolvimento da leitura. Aprender a reconhecer palavras é a principal tarefa deste leitor principiante, e esse reconhecimento é mediado pela fonologia” (BORTONI-



RICARDO, 2010, p. 204). Essa afirmação nos permite entender que o processo de leitura e escrita vai muito além da compreensão do princípio alfabético, da relação fonema-grafema, mas requer do aluno uma experiência com a língua escrita que o leve a entender a organização do sistema.

Ainda, de acordo com a autora, vários métodos e livros foram discutidos para que fossem definidos quais os melhores encaminhamentos metodológicos para o trabalho com a alfabetização; o que se concluiu até o momento é que deve ser priorizada a compreensão do texto por meio do uso de materiais cotidianos, tais como bulas, receitas, reportagens, sempre de forma contextualizada, inserindo os alunos nos contextos reais de circulação destes gêneros; o desenvolvimento da consciência fonológica deve ser visto partindo do princípio de que o aluno tem de perceber a dimensão sonora das palavras, entendendo que são formadas por sílabas e fonemas; não devem ser confundidos com os antigos modelos de ensino, no qual as palavras eram quebradas em sílabas e o aluno aprender de forma sequencial, tornando-se uma prática de estímulo-respostas, apenas decodificar e codificar não compreendendo o funcionamento (BORTONI-RICARDO, 2010).

Destaca-se também a atuação dos fenômenos da fala sobre a representação escrita da fala. Além dos fenômenos de consciência sobre a organização da língua escrita, como a hisperssegmentação e hipossegmentação, Bortoni-Ricardo chama atenção para as variações encontradas no português brasileiro e analisa algumas delas, como a monotongação e ditongação. Esses fenômenos revelam a influência da fala na escrita e as hipóteses que as crianças constroem sobre a organização do código escrito. Percebe que mesmo em línguas sintática e morfologicamente diferentes, os problemas relativos à leitura e escrita são comuns a todas as línguas. Isso porque inadequações são comuns de serem encontradas na alfabetização do aluno, porém, o que alterará nos resultados finais é a maneira que cada país, cultura e educadores encontrará para diminuir as dificuldades de aprendizagem na escola. Além disso, devem-se trabalhar essas regras variáveis, pois mostrando o seu funcionamento o nível de dificuldades poderá ser menor, desenvolvendo o domínio sobre o código a partir de uma consciência fonológica que reconheça a língua pela sua heterogeneidade.



Para entendermos o que significa a alfabetização, é importante que tenhamos em mente dois conceitos básicos: a codificação a decodificação. No dicionário de Linguística, Dubois (1973),

A palavra codificação designa um dos elementos do processo de comunicação. Sendo o código o sistema de transmutação de uma mensagem em outra forma que permite sua transmissão entre um emissor e um receptor por intermédio de um canal, a codificação é o processo pelo qual certos sinais do código são selecionados (escolhidos) e introduzidos no canal; é a operação de transmutação da mensagem numa forma codificada que permite sua transmissão.

Segundo Dubois (1973), decodificação é a “identificação e interpretação dos sinais pelo receptor da mensagem emitida; designa um dos elementos do processo da comunicação”. O autor acrescenta que há, na decodificação, uma transferência de forma e não de sentido.

Lemle (1993) destaca que, além das diversas formas de pronúncia das palavras, as variações linguísticas existentes no português e como todos esses fatores afetam a aprendizagem do aluno na escola. Para que a criança tenha domínio da leitura e da escrita, isto é, seja alfabetizada, existem alguns princípios básicos que devem ser seguidos; o primeiro passo a ser dado é fazer com que a criança relacione os símbolos desenhados no papel com as letras, cada uma com sua forma própria e com seu som particular; o segundo passo é fazer com que a criança perceba que, embora parecidas, cada letra possui seu desenho individual e ela deve distingui-las com perfeição, de uma a uma, para poder avançar no aprendizado. Um último aspecto relevante para a criança é a relação que ela deve fazer entre o som da letra e sua representação gráfica. (LEMLE, 1993)

Na escola a relação entre fala e escrita passa pela oposição entre padrão/não-padrão, formas conservadoras/formas inovadoras, formas estigmatizadas/formas de prestígio (BUSSE, 2013). Tarallo (2005, p. 11-12) chama atenção para o fato de que essa relação de concorrência nem sempre é verificada, pois podem surgir situações conflitantes de acordo com “a dimensão que as atitudes sociolinguísticas podem alcançar”. Situações em que uma forma não-padrão assume papel de prestígio no grupo só podem ser explicadas mediante o “encaixamento



sociolinguístico da variável na comunidade de fala”, o que depende das crenças e das atitudes dos falantes, condicionadas por questões culturais e sociais.

Segundo Barbosa (2003),

A noção de erro objetivada na escola baseia-se unicamente nas regras estabelecidas pela gramática normativa (GN), desprezando-se as explicitações das outras gramáticas da língua. Sendo assim, erro é tudo aquilo que venha a contrariar a variedade linguística de mais prestígio, o português padrão (PP) (BARBOSA, 2003, p. 52).

É notável que permaneça ainda no ambiente escolar esta concepção de erro, devido à falta de conhecimento aprofundado sobre o funcionamento da Língua Materna, por parte do professor, gerando a exclusão dos falantes, que pensam que “não sabem falar” sua própria Língua. Barbosa (2003) destaca

O que a GN chama de erro, na verdade, é um fenômeno que acontece na língua e que tem uma explicação científica: as pessoas preferem usar variantes que diferem da variante padrão, e isso não é feito aleatoriamente, pois, essas variações também obedecem a certas regras, ou seja, regras novas que se sobrepõe às antigas (BARBOSA, 2003, p. 54).

A respeito da dificuldade na distinção entre letras na escrita, por exemplo, um mesmo som que pode ser representado por diversas letras, como o “s/ç/ss/z”, o “g/j”, Lemle (1993) destaca que esse problema só será sanado quando o aluno decorar as estruturas, sendo a última etapa que o aluno atingirá; caberia acrescentar aqui que a leitura é o caminho mais fácil, rápido e divertido para se chegar a essa fixação da estrutura das palavras.

Hullen, Ferreira e Busse (2013) em estudo dos fenômenos da escrita destacam a importância de o professor trabalhar de forma mais sistemática a relação fonema/grafema, destacando que

Como o aluno parte do princípio de que cada letra corresponde exatamente a um som, ou seja, que as relações são monogâmicas, é importante reforçar, nos primeiros momentos, sem exagero, esse conceito, para que o aluno fixe esse conteúdo. É, só no próximo momento, no processo de consolidação do código, o professor pode e deve apresentar as hipóteses da poligamia e poliandria: uma



letra, vários sons e um som, várias letras para representá-lo. Quando se trata de relações de concorrência, isto é, quando mais de uma letra pode representar o mesmo som na mesma posição é que ocorre a maior dificuldade de eliminação das dúvidas, e essas podem surgir a qualquer momento da nossa vida. Vale ressaltar que várias dessas diferenças têm uma explicação histórica, ou seja, uma origem etimológica, e essas podem ser repassadas aos alunos numa tentativa de refletir sobre a língua do ponto de vista da sua história. (HULLEN; FERREIRA; BUSSE, 2013, p. 06).

Sabe-se que cada inadequação encontrada na escrita dos alunos tem uma explicação teórica que a justifica; geralmente a origem da falha cometida na escrita encontra-se nas hipóteses que o aluno elabora a partir da fala; assim, ele pode ter falhas de primeira, segunda ou terceira ordem, de acordo com o nível de aquisição do código que se encontra.

Pautado por estas discussões, serão analisados preliminarmente neste texto os fenômenos da montongação, vocalização e ditongação nas produções dos alunos do Ensino Fundamental, fase de consolidação da escrita, em que se lida com questões de ordem textual mais complexas.

## **GERAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS**

Os dados foram gerados no interior do projeto de pesquisa intitulado “Formação continuada para professores da educação básica nos anos iniciais: ações voltadas para a alfabetização em municípios com baixo IDEB da região oeste do Paraná”. O *corpus* da pesquisa foi coletado na região oeste do Paraná, por meio das atividades do Observatório Educacional/UNIOESTE/CAPES. A proposta de produção a qual o *corpus* se refere são de dois gêneros, resumo e bilhete. As produções foram encaminhadas, respectivamente com os enunciados:

“Releia o último título e responda: A RECICLAGEM É IMPORTANTE? POR QUÊ? Lembre-se que, na sua resposta, falar sobre o que você já sabe a respeito do assunto e o que você já fez para reciclar”.

“Releia o texto abaixo:

03/03/11.

Dudu



Que tal fazermos o trabalho de Geografia hoje, na casa do Guilherme? Podemos ir lá depois da aula de Espanhol. O Guilherme já topou.

Espero sua resposta.

Gabriel

Agora é com você. **ESCREVA UM BILHETE A UM(A) AMIGO(A), MARCANDO UMA BRINCADEIRA PARA DEPOIS DA AULA.**

Em suas produções escritas os alunos indicam esse polimorfismo linguístico por meio dos erros ortográficos. Os objetivos deste trabalho consistem, nesse sentido, em identificar e descrever os registros da fala nas produções escritas, a partir dos processos fonológicos já pesquisados no português brasileiro; categorizar e analisar os registros da fala encontrados nas produções escritas, especificamente o fenômeno da vocalização, monotongação e ditongação.

Segundo Calvet, “a variável linguística ocorre [...] quando duas formas diferentes permitem dizer ‘a mesma coisa’, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística ou social” (CALVET, 2003, p. 103). Ou seja, independentemente de qual variante eu escolher para a transmissão da mensagem, ela será entendida por meu interlocutor, e, assim, a função primeira da linguagem, que é a da comunicação, será efetivada.

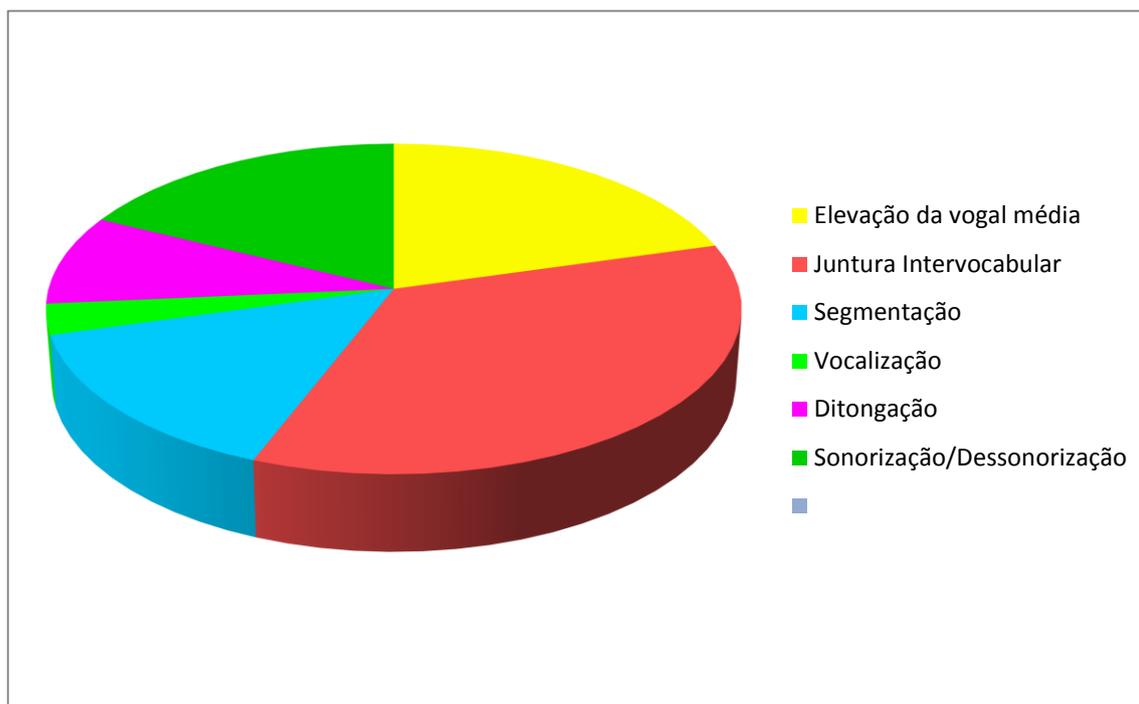
Conforme destaca Busse (2009),

O atravessamento étnico-cultural na fala acaba por delinear isoglossas, áreas e subáreas linguísticas e demarcar fronteiras entre os traços linguísticos, que correspondem à cultura dos falantes que primeiro habitaram os espaços e deixaram para trás uma identidade que se insinua na e pela língua (BUSSE, 2009, p. 09).

Para o estudo da fala e da língua e para o ensino da escrita, devem ser observados também os contextos culturais, históricos e sociais, pois a fala é resultado da história de cada comunidade; reflete o encontro de línguas e culturas em diferentes momentos no tempo. A seguir, no gráfico I, podem ser observados os fenômenos identificados nos textos analisados.



**Gráfico I – Fenômenos identificados**



A seguir, serão apresentadas algumas reflexões iniciais sobre os fenômenos da ditongação, monotongação e vocalização da lateral nos registros dos alunos. A opção deve-se ao nível de escolaridade, 4º e 5º Ano do Ensino Fundamental, em que se prevê que o aluno já tenha superado a fase de testagem de hipóteses sobre a organização da escrita e tenha desenvolvido a consciência e a percepção sobre a fala e a escrita.

### **FENÔMENOS OBSERVADOS NOS DADOS: UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE**

Ao tratar das questões como a interferência da fala na escrita, faz-se necessário a reflexão acerca dos aspectos envolvidos neste processo. É necessário compreender os motivos que levam o aluno a optar por determinadas formas na hora da representação gráfica das palavras. Ao optar por algumas formas e não outras, a criança está fazendo tentativas de possíveis adequações que tornem a sua escrita o mais próximo da fala adulta, sendo esta a sua única referência. Essas



tentativas caracterizam o que se chama de processos fonológicos, os quais são utilizados para facilitar a produção de determinados sons. Segundo Stampe (1973),

Um processo fonológico é uma operação mental que se aplica à fala, no lugar de uma classe de sons ou de uma sequência de sons que apresentam uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala do indivíduo, uma classe alternativa idêntica, porém, desprovida da propriedade difícil. (STAMPE, 1973 apud OTHERO, 2005, p. 03).

Quando determinado som tem uma propriedade “difícil”, a criança vai em busca de outro som que se aproxime do que ela está querendo dizer, o que torna este processo mais complexo. Segundo Othero (2005), “a criança poderá adotar várias estratégias”, podendo ser estas de apagamento, substituição ou adição de algum segmento.

Cagliari (2002, p. 99) destaca que processos fonológicos são “as alterações sonoras que ocorrem nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente, são explicados por regras que caracterizam processos fonológicos”. Compreende-se então que, a criança faz com que determinado som ganhe novos traços distintivos tornando-o semelhante ao som que ainda não articulou a sua fala. Dessa forma, é necessário que a consciência fonológica seja desenvolvida e que estes sons se tornem próximos das crianças para que sejam incorporados nessa consciência.

Essas trocas acontecem devido a múltiplos fatores, no entanto o principal destes ainda são as marcas da oralidade. Nesse sentido os processos fonológicos não acontecem apenas pela interferência da fala, existem outros fatores de influência, ainda é preciso considerar que isto é um processo natural pelo qual a criança passa, pois, ainda está desenvolvendo a sua consciência fonológica e adquirindo a escrita. Estas fases são inerentes à criança durante a aquisição da escrita e estarão presentes neste processo.

Os ditongos podem ser classificados em crescentes e decrescentes, orais e nasais. Quando a vogal vem em primeiro lugar denomina-se ditongo decrescente como nos exemplos, *pai*, *céu* e *muito*; o processo inverso caracteriza os ditongos crescentes, ou seja, quando a semivogal antecede a vogal, assim tem-se os seguintes exemplos, *qual*, *linguiça* e *frequente*.

Porém, segundo Aragão (2000, p. 110), “essa classificação de ditongos, em crescentes e decrescentes tem gerado muita discussões e alguns estudiosos chegam a dizer que a língua



portuguesa não tem ditongos crescentes, mas apenas decrescentes”. Justificando esta afirmação ao olhar-se para a sequência GV (glide-vogal), que normalmente esta em variação livre.

Aragão (2000, p. 112) destaca que a ditongação “é um fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim, a existência no sistema da língua, mas em sua realização na fala”. Por esse motivo, está sujeito a variações, que são motivadas por diversos fatores, dentre eles, o contexto posterior, a sílaba tônica, a extensão da palavra e o registro na escrita.

Xavier e Matheus (1990; 1992) definem a ditongação como a “transformação de uma vogal em ditongo: um segmento vocálico desdobra-se em dois segmentos, isto é, produz-se um processo de diferenciação tímbrica (ou ditongação) no interior de uma semivogal em posição pré ou pós-vocálica”.

O fenômeno da ditongação ocorre quando há inserção do glide ou semivogal anterior, no final de sílaba quando seguido pelo arquifonema /S/, quando o ditongo é nasal e por meio de hipercorreção, como em azulejo – azuleijo.

Segundo Aragão (2000, p. 113), “o termo monotongo não é utilizado com frequência a não ser quando se trabalha com a monotongação”. Esse fenômeno caracteriza-se pelo processo de redução do ditongo, que perde sua semivogal e passa a uma vogal simples, nesse caso, monotonga-se, ou ao caso da vogal simples, monotongo que se espraia em um ditongo.

Bortoni-Ricardo (2004) afirma que “o fenômeno de monotongação refere-se à perda da semivogal nos ditongos crescentes ou decrescentes, simplificando assim, a estrutura da sílaba, a qual passa a obedecer à regra padrão CV (consoante + vogal)”.

A ditongação pode surgir também de um processo de vocalização da lateral palatal. Coutinho (2000) destaca que “a vocalização é a conversão de uma consoante em um fonema vocálico” (COUTINHO, 2000, p. 143-8). Sabe-se que, no português brasileiro, é possível encontrarmos duas (ou mais) maneiras de pronunciar a mesma palavra, por exemplo: [‘mílo] (+ palatal) ou [‘mio] (+ vocálico). Na última representação, denominamos o fenômeno como vocalização, ou despaltalização, metaplasmo em que ocorre a mudança de um fonema consonantal palatal para um fonema vocálico.

Os dados aqui analisados foram coletados de textos escritos por alunos do 4º e 5º a partir de uma atividade de produção textual diagnóstica.



Na língua portuguesa há uma tendência de redução do ditongo nasal, como, por exemplo, em homem/homi. Nos dados coletados, observou-se a manutenção do ditongo, porém, com a transcrição fonética da sua realização: “homeis”. O ditongo manifesta aqui inclusive o traço de nasalidade. Além da nasalidade, observa-se o registro do fenômeno, em contexto precedente à sibilante.

No *corpus* observou-se o registro de “finau” com a vocalização da lateral, trazendo para a escrita um traço comum da fala. A vocalização da lateral em coda silábica é um fenômeno da fala que não incorre numa avaliação estigmatizada sobre falante, ao contrário, trata-se de uma realização de prestígio, concorrendo com a lateral e a velar, em algumas localidades do Sul do Brasil. Nesse sentido, o aluno pode estar em conflito, considerando que, nos contextos de coda silábica, a realização da lateral se dá pela vogal posterior alta /u/. Nos dados, encontrou-se ainda o registro de “topol”, para “topou”, por meio da hipercorreção, isto, é, por perceber que a grafia correta de muitas palavras é com o fonema /l/ em final de palavra, o aluno partiu da hipótese de que essa palavra seria grifada da mesma maneira.

A lateral em posição de final de sílaba é realizada de forma variável como lateral alveolar, lateral alveolar velarizada ou semivogal. Estudos comprovam que se trata de variação que ocorre em função de condicionantes tanto sociais quanto linguísticos.

Tasca (2002) destaca que a variação da lateral em posição final de sílaba é descrita em muitas línguas, não se tratando, portanto, de um fenômeno exclusivamente presente no português brasileiro.

Segundo Monaretto, Quednau e Hora (2001, p. 215),

na posição pós-vocálica, essa consoante apresenta-se, em quase todo o território de língua portuguesa, como uma variante posicional. Há, então, uma elevação do dorso da língua até o véu palatino, do que resulta uma articulação dental velarizada, ou inteiramente velar, pela supressão do movimento da ponta da língua; nesse último caso, dá-se a vocalização do /l/ em /w/, com conseqüente arredondamento dos lábios.

Busse (2010, p. 204) destaca que “as variantes alveolar e velar, juntamente com a retroflexa, a queda e o rotacismo, são formas estigmatizadas socialmente. As duas primeiras, por se concentrarem na fala de pessoas mais velhas, residentes na zona rural, com pouca escolaridade”. No caso, não se pode afirmar veementemente que se trata de prestígio econômico



dos falantes, mas relaciona-se à escolaridade e ao rótulo de “colono”, dado àquelas pessoas que residem na zona rural e que, julgadas com pouca escolaridade, não têm acesso aos bens culturais.

Busse (2010, p. 204) ainda destaca que, por estar presente na fala dos primeiros colonos que povoaram a região, “a lateral alveolar e a lateral alveolar velarizada figuram como formas estigmatizadas por serem vistas como forma relacionada ao ambiente rústico do campo, de pessoas com pouca escolaridade”.

São vários os fatores que podem influenciar na ocorrência dos fenômenos da ditongação e monotongação, como por exemplo, o contexto posterior, a extensão da palavra, a tônica, a posição interna ou final. No *corpus*, em todas as palavras em que ocorre o fenômeno da ditongação, como em “veis”, “nois” e “homeis”, é possível perceber que o contexto posterior (fonema /s) e a tônica determinam e facilitam a ditongação.

Hora e Lucena (2008, p. 360) destacam que o processo de monotongação “não é um fenômeno exclusivamente sincrônico. De fato, a tendência a evitar ditongos, transformando-os em vogais simples, é atestada no português ao longo de toda a sua história”.

Segundo Hora, pesquisas realizadas acerca da monotongação “revelam que o [ow] praticamente já se constitui em uma regra devido a seus altos índices de ocorrência.” No grupo C, mantém-se a sílaba tônica, porém a extensão da palavra muda para duas sílabas, assim como o contexto seguinte, a fricativa alveopalatal surda. Segundo Araújo (1999, p. 50), há um alongamento, do ponto de vista articulatorio, da vogal tônica, o que favorece a incidência da monotongação nas sílabas tônicas.

Aragão, em análise das ocorrências de monotongação na fala de informantes do estado do Ceará, nos dados coletados para o Atlas Linguístico do Brasil/ALiB, afirma que, além do contexto fonológico, a extensão da palavra também cria um ambiente favorecedor ao fenômeno, pois, quanto maior a palavra, mais ocorre a monotongação. Os dados ainda revelam, segundo a autora, que se trata de uma variante social em que se destaca o estilo de fala, além de realizar-se em contexto fonético-fonológico favorável.

Paiva (1996), ao desenvolver uma análise quantitativa da monotongação, considerando as variáveis de ordem fonética (ponto e modo de articulação do fonema seguinte ao ditongo), de ordem fonológica (extensão da palavra, tonicidade da sílaba em que ocorreu o ditongo) e morfológica (radical ou sufixo), chegou às seguintes conclusões: o modo e o ponto de articulação



das consoantes criam um ambiente favorável à queda da semivogal; a natureza da vogal de base do ditongo também pode favorecer a ocorrência da monotongação.

Conforme Busse (2010),

Os registros da monotongação não seguem o trajeto dos colonizadores pela região, pois ocorrem com vitalidade (índices de mais de 50%) na fala de informantes em localidades povoadas por grupos diferentes, mas que, no processo de urbanização, apresentam elementos semelhantes (industrialização, alagamento de terras devido à construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, trânsito de turistas e compristas). Ou seja, a imigração recente, nesses pontos, pode atuar como aspecto motivador para o registro da monotongação na fala. (BUSSE, 2010, p. 142).

Considerando que o aluno utiliza a sua fala como parâmetro para a atividade de escrita, é comum a presença dos processos fonológicos em suas produções. A partir dos dados analisados, e embasando-se nas reflexões teóricas que nortearam esse trabalho, é possível afirmar que as interferências da fala na escrita são uma constante nas produções.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observou-se na análise dos textos a prevalência do fenômeno da ditongação, no entanto também apareceram os fenômenos da monotongação e vocalização da lateral. Tomando por base o exemplo da ditongação, compreende-se que este fenômeno é um dos mais recorrentes, pois além da fala há outros fatores que influenciam em sua ocorrência, como o contexto interno à língua.

Inicialmente, esses registros podem ser tomados como “erro”. No entanto, é preciso compreender a noção de “erro”, a partir de uma concepção de funcionamento da língua na fala e na escrita. Não é possível compreender o “erro” como testagem de hipóteses do aluno sem reconhecer a intrínseca relação entre fala e escrita.

Neste trabalho, apresentou-se uma análise preliminar de alguns fenômenos observados nos dados. Não se esgotou a análise e a discussão, aqui, mas espera-se que as reflexões possam indicar a necessidade de um conhecimento mais profundo, por parte do professor, sobre o



funcionamento da língua no nível fonético-fonológico e sua manifestação na escrita, além dos percursos que o aluno segue para construir seu conhecimento sobre o código.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. **Ditongação X Monotongação no falar de Fortaleza**. Universidade Federal do Ceará – UFC.

\_\_\_\_\_. Aspectos fonético-fonológicos do falar do Ceará: O que tem surgido nos inquéritos experimentais do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB-Ce. (s/d). Disponível em: <[www.profala.ufc.br](http://www.profala.ufc.br)>. Acesso em: 21 jan. 2010.

ARAÚJO, Maria Francisca Ribeiro de. Alternância de [ɔ] [o] [ɛ] [e] no português falado na cidade de Caxias – MA. 1999. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Campinas, 1999.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARBOSA, Gutemberg Magalhães. O erro em Língua Portuguesa: uma questão de atitude. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 29, p. 51- 57, jul/dez, 2003.

BORTONI – RICARDO, Stella Maris. **Métodos da alfabetização e consciência fonológica**: o tratamento de regras de variação e mudança. Belo Horizonte: Scripta, v.9, n.18, p. 201 – 220, 2006.

BUSSE, Sanimar. Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná. 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina/UEL, Londrina, 2010.

\_\_\_\_\_. LÍNGUA PORTUGUESA, DIVERSIDADE E ENSINO: UMA ANÁLISE DE CONTEXTOS MULTILÍNGUES. In. Anais do IV SIMELP. Goiânia, 2013.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2000.



DUBOIS, Jean. Dicionário de Linguística. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=ptbr&id=ivoQ6Q2xu0oC&q=DECODIFICAR#v=snipet&q=DECODIFICAR&f=false>, acesso em 27/11/2013.

HORA, Dermeval da. **Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba**. João Pessoa: UFPB, versão em CD, 2005.

HORA, Dermeval da. A monotongação na produção escrita: reflexo da fala? Disponível em: <[www.santiago.cu/hosting/linguistica/Descargar.php?archivo](http://www.santiago.cu/hosting/linguistica/Descargar.php?archivo)>. Acesso em: 22 jan. 2010.

HORA, Dermeval; LUCENA, Rubens M. (2008) Conspiração e demção: mecanismos de simplificação da estrutura silábica. Revista Alfa, São Paulo, n. 52, v. 2, p. 351-369, 2008. Disponível em: <<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v52-2/06-Hora-Lucena.pdf>>. Acesso em: 22 out 2010.

HULLEN, Nadieli Mara; FERREIRA, Adriana Alexandra; BUSSE, Sanimar. Descrição e análise de processos fonológicos em textos de alunos do Ensino Fundamental. In: Literatura, História e Memória, 11., e Congresso Internacional de Pesquisa em Letras o Contexto Latino-Americano, 2., 2013, Cascavel. **Anais...** Cascavel, 2013.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1973.

MONARETTO, Valéria N. O.; QUEDNAU, Laura Rosane; HORA, Dermeval da. As consoantes do Português. In: BISOL, Leda (Org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

NASCIMENTO, Maria Selma Lima do. **Processos de monotongação e ditongação: suporte teórico para trabalhar a variação em sala de aula**. Guarabira: UEPB, 2011.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança**. *Revel*, v. 3, n. 5, 2005.

PAIVA, Maria da Conceição de. A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SCHERRE, Maria M. P. et al. (Orgs.). Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro/Departamento de Linguística de Filologia, UFRJ, 1996.

REIS, Marília Costa Reis; TENANI, Luciani Ester. **Registros da heterogeneidade da escrita**. São Paulo: UNESP, 2011.



- SOUZA, Aline de. **Por que falamos X e escrevemos Y?:** A interferência da fala na escrita. Anais do IX Encontro do Celsul, Universidade de Santa Catarina. Palhoça, 2010.
- TASCA, Maria. Variação e mudança do segmento lateral em coda silábica. In. BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). Fonologia e variação: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.** São Paulo: Parábola, 2006.